

ESTRUTURA SÊMIO-TÁXICA INTRA-LEXIA — ALGUNS TAXEMAS VERBAIS (*)

Maria Aparecida Barbosa

Quando se combinam dois morfemas, ou mesmo quando temos um morfema gramatical autônomo, plasmados um e outros nos modelos de estruturação de vocábulos que o nosso código lingüístico comporta, define-se a lexia, um dos mais importantes níveis do signo lingüístico, como unidade de comportamento e operacional.

A combinação de morfemas lexicais e gramaticais dá como resultado lexias lexicais, e os gramemas independentes, ou invariáveis ou combináveis com outros gramemas, formam as lexias gramaticais.

Essa primeira compartimentação nos permite falar em classes de lexias, que são os modelos léxicos, finitos, sobre os quais se constroem lexias, cujo conjunto constitui o inventário léxico de um sistema lingüístico.

Evidentemente, o estabelecimento desse conjunto não se processa de maneira desordenada e arbitrária. Todas as lexias se distribuem em sub-conjuntos lexicais, que não somente contêm o componencial léxico já efetivado, como podem também receber, a todo o momento, uma nova unidade, desde que tenha em sua estrutura os elementos exigidos pelo modelo daquele subconjunto.

Há, por conseguinte, classes léxicas, que resultam de uma combinatória constante de morfemas de determinado tipo e função.

Algumas dessas classes possuem sub-classes, que adquirem essa condição justamente por apresentarem, em seu componencial forma semêmica — forma sintática, traços semelhantes, e por serem ainda suscetíveis de receber o mesmo tratamento morfo-sintático.

(*) . — Capítulos de tese de doutoramento, defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 1974

Isso faz que classes e sub-classes sejam comutáveis no mesmo contexto e que falantes de uma língua conheçam perfeitamente as fronteiras, embora fluidas, que entre elas existem. Todos eles têm a percepção dessas classes, dos lugares que podem ocupar nos contextos — a sua distribuição —, das limitações espaciais e sintático-semânticas de cada uma delas. O que não é geral — natural consequência dos desníveis sócio-culturais —, é a aptidão e o rendimento léxico e sintagmático, mas a variação destes é uma questão de *performance*, de desempenho. O que é geral — e se refere, portanto, à competência lingüística —, é o domínio dos mecanismos que definem as classes léxicas e seu comportamento sintagmático, que isso se dê de maneira espontânea e imperceptível — quando, por exemplo, um analfabeto fala — ou de maneira controlada e sistemática, nos registros mais tensos.

O conjunto semêmico de cada morfema permite distribuir todo o universo lexical de um código em conjuntos ordenados, predeterminando suas possíveis combinatórias e transformando simultaneamente o primeiro em determinador de classes lexicais.

Sob esse aspecto, o papel dos morfemas gramaticais é decisivo, uma vez que, sem eles, uma base lexêmica se tornaria um elemento desprovido de definição nominal ou verbal; seria apenas um componente genérico para duas classes diferentes, podendo entrar nos dois contextos. A presença de um morfema gramatical, dependente ou independente, restringe esse lexema geral, definindo suas possibilidades combinatórias.

*

A estruturação semiológica e semêmica impõe ao universo léxico sua divisão básica em dois *conjuntos léxicos*, conforme sejam os elementos que os integram comprometidos simultaneamente com ambas ou apenas com a segunda: o *lexical* e o *gramatical*, pelos quais se distribuem todas as suas unidades.

Por outro lado, a combinatória das duas estruturações possibilita a divisão do primeiro conjunto em diversas *classes de lexias lexicais*; e a diferente natureza dos elementos do segundo conjunto determina a existência de *várias classes de lexias gramaticais*.

Teremos, assim, modelos de estrutura e, conseqüentemente, possibilidades funcionais das classes de lexias lexicais e gramaticais, com uma constante de forma semântica lexical e formantes gramaticais, no caso das primeiras, e uma constante apenas de forma semêmica gramatical, no das segundas.

Há, como se vê, modelos de classes lexicais e gramaticais, que exercem tal coerção, que todo o enriquecimento no inventário das primeiras — uma vez que as mudanças no das segundas já caracterizaria uma evolução de sistema — deve obedecer às suas exigências estruturais e funcionais.

*

Começemos por descrever a morfo-sintaxe-semântica das classes de lexias lexicais: o *nome*, que compreende o substantivo e o adjetivo, e o *verbo*.

O conjunto semêmico de um lexema que seja a designação de um *objeto* do universo antro-po-cultural, combinado com taxes (semas gramaticais) estáticas e descritivas, resulta na *classe dos substantivos*. “El substantivo designa un “objeto” que “es”, que está objetivamente frente a nosotros en su “ser”, diz Bruno Snell (1).

O *adjetivo*, embora também resulte de uma estruturação semiológica-semêmica do universo antro-po-cultural, numa visão lexêmica e gramêmica estáticas, não designa, como o substantivo, algo que “é”, não designa um objeto, mas o que o objeto “tem”, o que pode ter em maior ou menor grau. Entretanto, como resulta de uma visão estática, forma com o substantivo as sub-classes do *nome*.

A *classe dos verbos*, ao contrário, resulta de uma visão que implica num dinamismo bem acentuado no caso dos que designam um “fazer”, ou fracamente sugerido, no caso dos que designam um “estar” ou um “ter”, não se levando em conta os verbos “cópula”, do tipo *ser*, que são antes elementos sintático-funcionais, uma espécie de gramemas, que elementos semânticos lexicais.

A substância de conteúdo lexêmica (forma semêmica) dinâmica, acrescentada a taxes também dinâmicas, nos dá a classe dos *verbos*.

Se há lexemas que, independentemente das taxes que lhes definem a classe, já se auto-indicam como elementos estáticos (*mesa*, por exemplo). nos elementos dinâmicos (como (*corr-*, de *correr*), na maioria das lexias lexicais, não existe uma fronteira rígida entre os dois tipos e a definição por uma ou outra visão só aparece quando as taxes nominais ou verbais lhe são acrescentadas.

Esse fato possibilita a existência de: a) substantivos que dão uma idéia de dinamismo, dentro da descrição estática que fazem de um processo, processo este que é, então, visto estaticamente, com abstra-

(1). — SNELL, B. — *La estructura del lenguaje*. Versión española de M. Macau de Lledo, Madrid, Editorial Gredos, S.A., /1966/, p. 91.

ção de seu dinamismo verbal; apresentam uma base comum com um verbo, por exemplo, a *corrida/correr*, conservando o traço dinâmico lexical do verbo, mas com a descrição estática que o gramema independente *a* lhe empresta; b) substantivos que são exclusivamente descritivos, estáticos, como é o caso de *mesa*, sem correspondente lexêmico verbal; c) finalmente, substantivos que têm uma base lexêmica comum com o verbo, mas que, diferentemente do primeiro tipo, permanecem com a característica fundamental dos substantivos, a descrição estática é o caso de *a casa/casar*. Como se pode observar, a fronteira entre o substantivo, o adjetivo e o verbo não é tão rígida quanto a princípio poderia parecer.

Feitas essas considerações sobre as classes de lexias lexicais, notemos ainda que elas comportam sub-classes; quando se trata dos substantivos, diferentes em sua substância e forma de conteúdo lexical, idênticas em sua função sintagmática; no caso dos verbos e dos adjetivos, diferentes em sua substância de conteúdo, iguais em sua função de aporte mas variando na actância, segundo a substância do conteúdo (forma semêmica).

O taxema *modo*, que se apresenta como facultativo no substantivo e no adjetivo, aparece, no verbo, como elemento obrigatório, e, dentre os classificadores verbais (2), se enquadra naqueles que são fortemente subjetivos, isto é, cuja escolha depende da apreciação do locutor sobre o acontecimento. Seria a tomada de posição em um nível mais ou menos avançado na realização da imagem temporal vista pelo locutor. Como diz Pottier, “le sujet parlant ne constate pas objectivement la “réalité” ou “non-réalité” d’un événement, mais il prend position *par rapport* à l’événement (3).

Esse taxema pode ter como gramema uma forma sincrética, isto é, ser expresso por um gramema que sirva simultaneamente à expressão de outros taxemas. Assim, geralmente vem expresso com o taxema tempo, em um só gramema:

cant-a- va -mos

em que o gramema *-va-* acumula os taxemas de tempo, modo e aspecto; mas o tempo e o modo podem ter gramema zero, restando apenas a vogal temática, indicadora da conjugação, isto é, da combinação dos formantes de pessoa e número; o tempo e o modo podem ain-

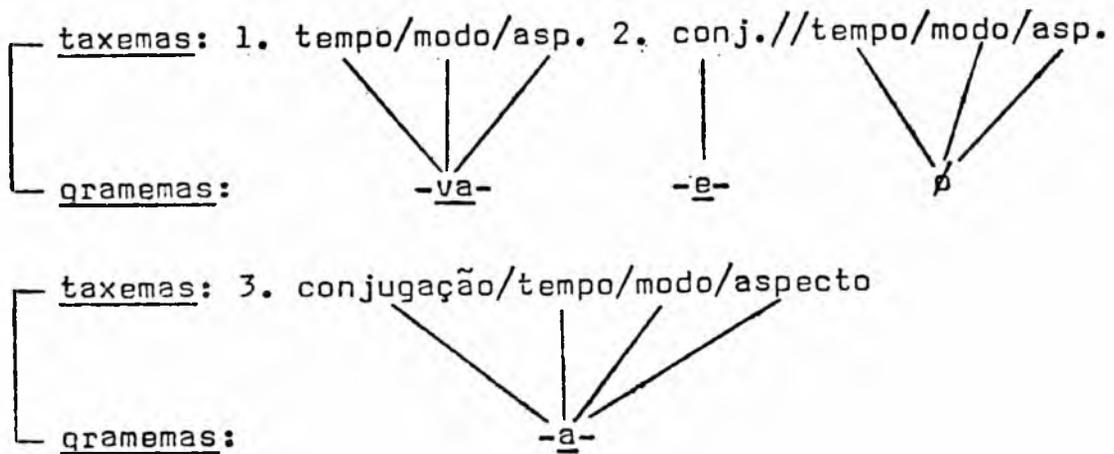
(2). — POTTIER, B. — *Presentación de la lingüística*, trad. de A. Quiles, Madrid, Alcalá, /1968/, p. 76.

(3) — POTTIER, B. — *Introduction à l’étude linguistique de l’espagnol*. Paris, Ed. Hispano-americanas, /1972/, p. 155.

da ser expressos por um amálgama, ou seja, por um gramema que se amalgamou com a vogal temática — diacronicamente uma assimilação: —

<i>latim</i>		<i>português</i>
1. <i>debe-a-m</i>		<i>deva-φ</i>
2. <i>debe-a-s</i>		<i>deva-s, deva-φ</i>
3. <i>debe-a-t</i>	→	<i>deva-φ</i>
4. <i>debe-a-mus</i>		<i>deva-mos</i>
....	

Esquemáticamente:



O lexema do verbo, como o do substantivo e o do adjetivo, pertence à classe das *designações*, resulta da elaboração semiológica e semêmica do universo antro-po-cultural.

Alguns dos identificadores particulares dessas classes de designação (gênero, pessoa, número, grau) dependem relativamente da classe de *formulação*, ou seja, da intenção do locutor. Dissemos relativamente, porque a designação *prato*, por exemplo, como formalização lexical, já traz as noções de gênero e número não marcados, independentemente da vontade do emissor do enunciado. A sua identificação já é feita no inventário do sistema mas, no ato de enunciação, esse modelo lexical pode aparecer com identificações diferentes, conforme as opções feitas pelo enunciador da mensagem, dentro das virtualidades que o mesmo sistema lhe oferece.

No caso do verbo, os taxemas identificadores só aparecem no ato de discurso, pois as designações de qualquer tipo de verbo estão disponíveis no sistema, em uma forma genérica, no que diz respeito a tempo, modo, pessoa e os demais identificadores verbais.

Assim, por exemplo, *falar* existe no sistema como uma lexia do inventário verbal mas somente no enunciado passa a ter uma identificação gramatical. Logo, as designações substantivais e adjetivais são mais independentes da classe de formulação que as designações verbais, uma vez que estas dependem inteiramente da formulação que lhes dêem os locutores. Ainda assim, dentro do próprio verbo, há uns identificadores mais ligados ao locutor do que outros: a *pessoa*, por exemplo, depende em grande parte da incidência à pessoa do substantivo, mas o *modo* e a *modalidade* estão diretamente relacionados com a maneira como o locutor encara o acontecimento, ou à modalidade que lhe quer dar, numa interlocução.

Se, no substantivo, o fenômeno da representação do universo antro-po-cultural se destaca mais claramente do que no adjetivo ou no verbo, visto que somente o substantivo capta objetivamente os modelos dos fatos antro-po-culturais reduzidos a modelos semiológicos — em classes de equivalência —, pode dizer-se, entretanto, que o adjetivo e o verbo também representam, ainda que não apontem um “indivíduo” mas antes se refiram a um “ter” ou a um “atuar”. Ora, o “atuar” está muito mais comprometido com o contexto, no que diz respeito aos seus formantes gramaticais, do que o substantivo. A própria característica do verbo, de “representar” algum “atuar” ou “estado de ser”, no sistema, já pressupõe uma representação substantiva de “algo”, a que o verbo acrescentará novos traços semânticos dinâmicos e estáticos. Esse acréscimo de traços semânticos gramaticais extrapola as implicações que as lexias mantêm entre si no enunciado, e vai ligar-se diretamente à formulação da enunciação.

Essa característica do verbo pode manifestar-se, principalmente, no taxema *modo*, que se realiza, pois, ao nível de enunciado e está diretamente ligado à classe de formulação.

Por essa razão, a partir de algumas representações em língua, os seus empregos e matizes semânticos, em discurso, são muito variados, o que nos obriga constantemente a fazer um estudo semântico das atualizações em cada contexto diferente.

Em português, o taxema *modo* é ternário, baseando-se, porém, inicialmente, numa oposição binária *específico/genérico*. A situação específica exige o emprego de modos diferentes conforme a locução seja direta ou indireta.

Na locução indireta, que não incide sobre o alocutado, temos a oposição *indicativo/subjuntivo*, em que a distinção formal é feita por meio de gramemas específicos e a semântica recobre todo um eixo de articulações de traços próprios a cada um das taxes. A locução direta é a do imperativo, taxee que pode formalmente recobrir os gramemas pessoais de indicativo, de subjuntivo e os não pessoais de modo genérico, ou formas infinitivas do verbo, excetuado o particípio passado.

A plena realização verbal se exprime no mundo indicativo, que representa o enunciado descritivo, em que o sistema da gramática e das classes de palavras se desenvolve com a máxima riqueza. É o modo da representação.

Como as classes semânticas expressas através dos gramemas podem ser consideradas sempre numa oposição binária assimétrica, o indicativo e o subjuntivo, taxes do mesmo taxema *modo*, apresentam, formalmente, gramemas que os distinguem, e, semanticamente, traços pertinentes que os individualizam e os caracterizam, opondo-os um ao outro, nos enunciados em que são empregados:

<i>Indicativo</i>	<i>Subjuntivo</i>
1. O indicativo representa o termo de realização: <i>Pedro me pagará a dívida.</i>	O subjuntivo contém uma forte marca de hipótese: <i> Talvez Pedro me paque a dívida.</i>
2. O indicativo indica uma perspectiva fechada: <i>Procuru um livro que tem assuntos interessantes.</i>	O subjuntivo indica uma perspectiva aberta: <i>Procuru um livro que tenha assuntos interessantes.</i>
3. Visão de realização: <i>Disseram-me que eu compraria o livro.</i>	Visão de possibilidade, de desejo: <i>Disseram-me que se eu comprasse o livro.</i>
4. Na formulação do enunciado com o verbo no modo indicativo, encara-se o fato como certo, como real, no presente e no passado, como provável no futuro (eventual)	Na formulação do enunciado com o verbo no modo subjuntivo, encara-se o fato como uma coisa incerta, duvidosa, possível (potencial)

O imperativo, que é o modo da locução direta, é o homólogo do vocativo no domínio nominal, pois este é, para o substantivo, a forma que serve para um efeito direto, com a qual chamamos alguém para atuar sobre ele; o mesmo se dá com o modo imperativo no verbo.

“Les seules formes propres à l’impératif sont celles de l’interpellation, ou seconde personne. Le verbe se présente alors sous sa forme nue (lexème et voyelle thématique / . / Les autres emplois dits “impératifs” sont en réalité des optatifs, (volitifs, désidératifs) et empruntent leurs formes au subjonctif / . /” (4).

As formas nominais do verbo, ou modo genérico, podem, conforme o contexto, ser equivalentes: ao indicativo (Cf. “As folhas eram contadas, *passando* pelo mimeógrafo.”/“ .enquanto *passavam* pelo mimeógrafo.”); ao subjuntivo (Cf. “Para *vencermos*, é necessário lutar.”/“Para que *vençamos*, é necessário lutar.”; “*Aberto* um precedente. ”/“Assim que se *abra* um precedente. ”); ao imperativo (Cf. *Marchar!/Marchem!*).

Enquanto o modo se apresenta sob as formas nominais do verbo, a referência é sempre genérica, impessoal, aplica-se a qualquer e a todas as pessoas. A sua equivalência com os outros modos, marcados, continua sendo de referência não marcada, efetua-se na terceira pessoa, não marcada também (a não-pessoa).

Decorrentes das considerações semânticas que fizemos sobre os modos indicativo, subjuntivo, imperativo e genérico, temos as seguintes implicações sintáticas:

O indicativo é o modo das orações que sintaticamente são as principais, não pressupõem uma complementação semântica, bastam-se e completam-se a si mesmas; o subjuntivo pressupõe outro núcleo sintático-semântico que o complementa; a própria presença de um relator define uma ligação de um antecedente com um conseqüente; o imperativo pode excluir todas as outras lexias do enunciado, uma vez que é o modo de locução direta, em que o contexto e a situação podem substituí-las; o que não impede que apareça em orações ditas absolutas, principais e coordenadas. O não-modo (formas infinitivas do verbo) não está comprometido com um movimento de realização, o seu valor temporal e modal estão sempre na dependência do contexto.

O taxema *modalidade* aparece ao inventário substantival e adjectival, em algumas de suas formas, mas qualquer forma verbal é suscetível de uma análise do ponto de vista modalidade.

(4) — *Id., ibid., p. 157*

Não se confunde com o taxema modo, embora este seja, com suas diferentes taxes (indicativo, subjuntivo, imperativo, genérico) o suporte formal de várias modalidades que o verbo possa assumir no enunciado.

Como dissemos, há alguns taxemas que estão numa dependência maior da apreciação, da intenção de quem emite o enunciado, do que outros. Cada modelo de classe lexical, com seu respectivo inventário, com os taxemas que o identificam, independe da classe de formulação; é o caso do substantivo, do adjetivo, dos relatores, dos substitutos, dos quantificadores, que existem e subsistem no sistema, independentemente da ação de enunciação sintagmática. No momento em que o emissor se utiliza desses inventários e combina os seus elementos em um enunciado, já aparecem outros fatores, que extrapolam as leis combinatórias que ele tem de obedecer, também como imposição do sistema.

Dentro desse inventário paradigmático e dessa programação sintagmática disponíveis, as opções do falante são muitas, uma vez que a classe de *relação*, que prevê a combinatória das lexias no enunciado, e a classe de *formulação* lhe oferecem a possibilidade de adaptar seu pensamento à situação que quiser, sem violar as leis sintagmáticas existentes no sistema lingüístico.

Há enunciados que são referenciais e se, quanto à estrutura de superfície, podem ter sintaxias diferentes, sem que a sua estrutura profunda seja alterada — margem de liberdade que tem o emissor para expressar-se, — mesmo assim a vontade do emissor é muito pouco atuante, no sentido de sentir e expressar o referencial. É o caso da descrição de uma situação ou de um ambiente. Entretanto, em enunciados do tipo expressivo, atuador, volitivo, a formulação sintático-semântica do enunciado depende mais da vontade de quem o emite.

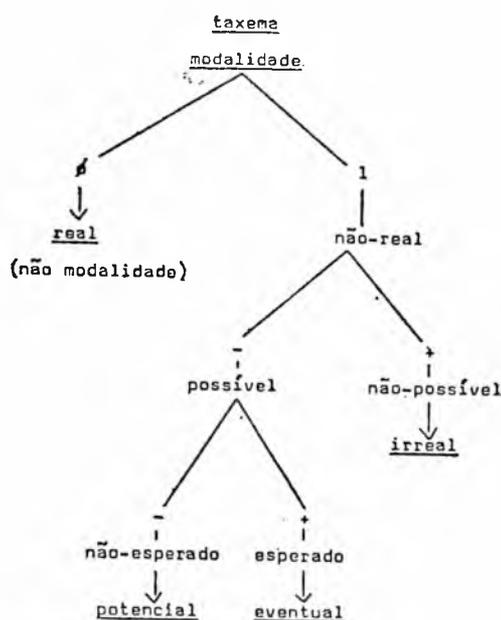
No primeiro caso, o referencial é mais importante; no segundo, a intenção do emissor. Desse ponto de vista, há taxemas ou indicadores semânticos gramaticais que estão mais ligados ao referencial e outros mais ao emissor. No que diz respeito ao referencial, o emissor não pode fugir, por exemplo, à pessoa, ao número de referentes, à situação, independentes do seu estado de espírito e dos efeitos que queria provocar no receptor. É o que sucede em enunciados como “Esta classe tem quarenta carteiras.” Nos enunciados de tipo expressivo, o emissor dispõe de toda uma faixa de taxemas que lhe dão grande liberdade não só de enunciação como também de visão da realidade, e lhe permitem ainda exprimir sua subjetividade, fazer sua catarse ou provocar diferentes efeitos no receptor.

A classe lexical que maior variabilidade apresenta, que maior número de opções desse tipo oferece, é o verbo. Embora alguns substantivos e adjetivos sejam dotados dos taxemas aspecto, modo/modalidade, tempo, essas classes não oferecem ao emissor uma faixa muito ampla de escolha, pois os elementos integrantes de seus inventários são o que são: representam objetos ou traços descritivos de objetos do universo antro-po-cultural. No caso do verbo, entretanto, embora o lexema verbal represente uma ação, um processo que se passa no antro-po-cultural e o emissor não possa fugir à situação de enunciação, no que se refere à sua atualização gramatical, vasta é a gama de possibilidades que dependem de suas opções pessoais.

Essas opções não mudarão o esquema lógico- conceitual, em estrutura profunda, mas refletirão em grande parte a *performance* do locutor.

O taxema modalidade, que é traço típico do verbo, apresenta a característica subjetiva a que acabamos de nos referir. A expressão de um pensamento — não importa com que traços particularés — aparece sob formas modais diferentes: *real*, *eventual*, *potencial*, *irreal*, taxes do taxema modalidade.

Temos, portanto, o esquema semântico:



Taxema	MODALIDADE			
	taxes taxes	real	irreal	potencial
marcas sêmicas	∅	+	-, -	+, -

Diferenças importantes separam as diversas maneiras de encarar a coisa enunciada, que pode aparecer como verdadeira, como provável, como possível ou como irreal. Realidades e eventualidades não se correspondem exatamente, e os meios de expressão não são os mesmos de uma categoria para outra, de uma classe para outra. No substantivo, a modalidade aparece com os gramemas das formas nominais do verbo (*vestibulando*); no adjetivo, com esses gramemas e, mais frequentemente, com os de aspecto (*vestibulando, casadoira*).

No verbo, há diversos processos para se expressarem as modalidades, e não apenas os modos, embora desempenhem estes um papel importante nas distinções entre modalidades.

Além do *modo*, os meios de expressão das modalidades são o *tom*, os *tempos*, os *auxiliares de modais* e os *complementos modais*.

(a) O *tom* em que o verbo foi enunciado, define a modalidade; uma mesma frase, cuja forma verbal nada apresente de particular, dita num tom especial, muda de caráter e pode expressar uma realidade, uma eventualidade, uma possibilidade ou uma irrealidade;

(b) O *tempo*, ou o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo, pode delimitar as fronteiras entre o real, o eventual, o potencial e o irreal.

Veremos o real expresso pelo presente, pelo pretérito imperfeito, perfeito e mais que perfeito do indicativo; o eventual, pelo futuro do indicativo (forma simples e composta); o potencial, pelo futuro do pretérito (simples) e pelo presente, futuro e pretérito perfeito do subjuntivo; o irreal, pelo imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo e pelo futuro do pretérito.

Essa partição não é absoluta, uma vez que a apreciação da modalidade na frase depende muito de cada ocorrência particular, o tempo verbal depende de toda a enunciação, que pode tornar, por exemplo, um presente do indicativo um modal eventual e não real;

(c) Os *auxiliares modais* expressam a modalidade, sempre relativos à subjetividade (volitivos, desiderativos, causativos e outros). Em *Eu espero chegar amanhã.* / *Eu espero que eu chegue amanhã*, a mesma modalidade eventual desiderativa se verifica em ambas as frases. A diferença que entre elas se verifica leva a classificar a primeira como uma modalidade interna e a segunda, como uma modalidade externa. Na primeira, o objeto sintático do auxiliar aparece sob a forma de infinitivo; na segunda, em forma de uma seqüência transferida por *que*. Por vezes, a natureza do verbo auxiliar exige que a modalidade seja interna ou externa.

Quando a modalidade for externa, do tipo transferido por *que*, essa classe se combina com a do modo e, de acordo com a natureza do verbo auxiliar, logo surgem as exigências combinatórias (*contraintes*) e as incompatibilidades. Assim, dentre os auxiliares, podem-se distinguir os que regem a modalidade externa, ou no subjuntivo ou no indicativo, e os que não admitem tal construção:

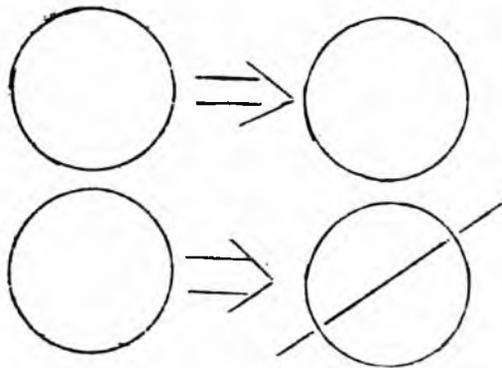
<i>Subjuntivo</i>	<i>Indicativo</i>
1. <i>eu quero que ele faça</i>	<i>eu sei que ele faz</i>
2. <i>eu desejo que ele venha</i>	<i>eu penso que ele vem</i>
3. <i>eu temo</i>
4. <i>eu sinto</i>
5. <i>eu aceito</i>

Em:

penso chegar amanhã

penso que chegarás amanhã

e *penso que chegarei amanhã*



Penso, que é real, passa a ter valor semântico global, resultado da combinatória de

<penso> × <chegarei>

que dá como produto o *eventual*.

Contudo, os mesmos tempos verbais podem, em função da combinatória das *taxes* com os *semas* da substância lexical do verbo, resultar em modalidade *real*:

vejo que chegarei antes
vejo que chegarás antes

(d) Os *complementos modais*, como os sintagmas circunstanciais, as proposições coordenadas ou subordinadas, podem definir os traços reais, . . ., irrealis, quando apenas reforçam o traço já existente no verbo:

ele chegará com certeza

ou quando independem do tempo verbal:

ele aceitaria com prazer
(~*ele aceitará com prazer*)

O *modo* dos verbos (indicativo, subjuntivo, imperativo e genérico) é também definidor das modalidades.

É o indicativo, presente ou passado, que serve para exprimir o *real*, que apresenta a ação objetivamente, como um fato (Cf. *andou / anda / andava*).

O imperativo exprime uma ordem formal.

O *eventual*, que apresenta a ação como um acontecimento esperado ou praticamente certo no futuro, é marcado pelo indicativo, no futuro do presente, ou então pelo presente do indicativo com uma modalidade externa, como em:

Asseguro que ele vem,

em que os traços do eventual, que demonstram a quase-certeza do acontecimento, são indicados pelo próprio lexema do verbo *assegurar*

O *potencial*, que apresenta a ação como uma possibilidade simplesmente concebida ou desejada, é marcado pelo futuro do pretérito, no indicativo, ou pelo presente, imperfeito e perfeito do subjuntivo:

eu faria / talvez faça / tenha feito / se fizesse, conseguiria (no futuro)

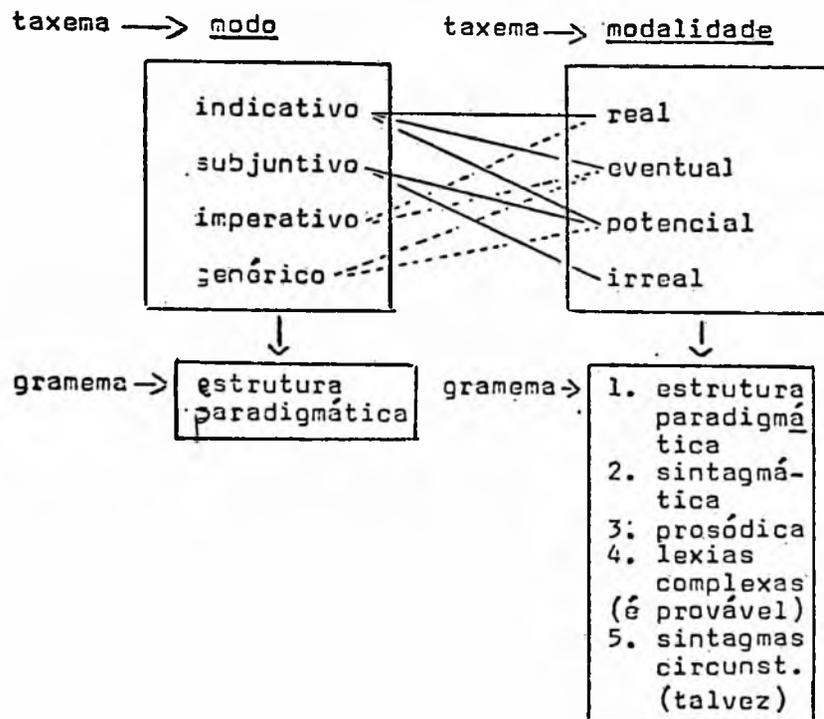
O *irreal*, que apresenta a ação como uma possibilidade desmentida pela realidade ou como um *regret*, é marcado pelas combinatórias de imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo e do futuro do pretérito composto:

se fizesse, conseguiria (mas não fez)
se tivesse feito, teria conseguido

Como se pode notar, *modo* e *modalidade* são taxemas distintos um do outro, que indicam traços semânticos gramaticais diferentes e tem gramemas também diferentes: o modo se realiza nos gramemas da estrutura do verbo principal ou do auxiliar, independe do tempo verbal, embora se utilize do mesmo gramema para realizar-se. A modalidade é definida pela combinação de tempo e modo das expressões verbais bem como pelos outros elementos que vimos acima.

Dessa maneira, não se pode dizer que um determinado modo esgote uma modalidade; não há entre eles uma dependência funcional mas apenas uma correlação.

O modo pressupõe a modalidade mas esta pode prescindir dele, uma vez que sua manifestação se dá também por outros gramemas:



O *apreciativo* é um taxema cuja forma reforça a modalidade. Efetivamente, este indicador semântico gramatical identifica-se com um dos tipos de expressão da modalidade (o sintagma circunstancial), como os que citamos no item anterior. Diferem apenas formalmente, pois são equivalentes semanticamente. São formas lexicalizadas, do tipo complexo, por conseguinte impessoais e invariáveis, que apresentam sempre, em sua estrutura interna, um verbo fixado numa pessoa genérica (não-pessoa), combinado com um adjetivo que tem a marca aspectiva, e o relator *que*:

é possível que...

ou o verbo, nas mesmas condições, mais o relator *que*:

parece que.

e outras variantes *que*, semanticamente, equivalem a um SC como sema genérico nocional “talvez”, “oxalá” e outros, que por sua vez é compatível com o taxema *modalidade*, definindo suas taxes. A estas se acrescentam também as taxes de aspecto, em alguns casos, como vimos, suportadas pelo gramema aspectivo do adjetivo integrado na lexia ou sugerido pela substância semântica lexical do verbo, noutros casos. Nas lexias citadas, por exemplo, temos as taxes:

lexia	modalidade	aspecto
<i>é possível que</i>	<i>potencial</i>	1-3
<i>parece que</i>	<i>eventual</i>	2

O taxema *atualidade* aparece ao nível de enunciado e está também diretamente ligado à intenção do emissor. As suas taxes são o “atual” e o “inatual” e são expressas sempre pelos gramemas indicadores de tempo e modo verbais.

Qualquer designação de processo verbal, seja num enunciado simples ou num enunciado complexo, é susceptível de uma análise quanto à atualidade.

Entretanto, é na oposição de enunciados complexos de duas sintaxias de estrutura de superfície — as que representam formalmente o discurso direto e indireto — que têm o mesmo esquema lógico-conceptual, que a oposição *atual / inatual* é mais evidente.

As noções de atual e inatual não se referem respectivamente a uma ação presente e a uma ação passada, relativamente ao momento de enunciação — não se trata da classificação de uma ação, no momento em que se passa —, mas indicam a precisão ou a não-precisão da época em que ação *foi/é/será* realizada.

Assim, um pretérito perfeito (passado) é tão atual quanto um futuro do presente (futuro) e um presente, porque são tempos que descrevem o fenómeno objetivamente, são tempos independentes. No *atual*, a época em que se desenrola uma ação é marcada e precisa.

No *inatural*, as distinções de época se anulam e o tempo morfológico depende sempre de uma complementação de informação, que pode aparecer no enunciado ou estar subjacente a ele, uma vez que o verbo, sozinho, é incapaz de precisar a época real em que a ação se deu. São tempos imperfectivos do ponto de vista semântico e do ponto de vista funcional. Oponha-se, por exemplo:

Disse: "Eu vim" / Disse que tinha vindo.

O atual marca a precisão e a certeza do desenvolvimento da ação, o *inatural* caracteriza-se pela imprecisão e pela pressuposição de fatos anteriores ou uma complementação à ação. Quando dizemos, por exemplo:

O vaso quebrou,

temos a atualização de uma ação anterior ao momento de enunciação, é a ação passada, passada. Em

O vaso quebrará,

a ação é marcadamente de futuro, mas em

O vaso quebraria.

a ação não está precisada, não está atualizada naquele momento, não é tida como certa; trata-se de um futuro imperfeito, relativo, *inatural*.

Talvez os termos *precisão/não-precisão*, *definição objetiva/indefinição*, *autonomia semântica e funcional/não autonomia* fossem mais adequados que *atual/inatural* (esses dois últimos parecem estar relacionados com a época em que se desenvolve a ação); na realidade, o atual corresponde à ação precisa, no momento em que se realiza, não definida em relação ao momento de enunciação mas definida em relação ao momento em que efetivamente se dá; o atual caracteriza a independência semântica e funcional da ação.

Isso se torna mais evidente quando opomos a mesma estrutura lógico-conceitual em duas estruturas de superfície, mais precisamente na enunciação de frases que opõem "discurso direto" / "discurso indireto"

Note-se a precisão do discurso direto:

"Pedro disse: eu *chamarei* o menino",

e a imprecisão do enunciado:

“Pedro disse que *chamaria* o menino”

em que *chamaria* pressupõe uma complementação semântico-funcional..

No tempo morfológico *chamaria*, há um futuro mas um futuro não marcado semânticamente por uma definição rigorosa da época de realização da ação, donde a sua não-atualidade, em oposição a *chamarei*, que também é futuro, mas uma ação precisa e bem definida quanto à época de realização.

No eixo da oposição *atual/inatural*, existem graus de maior ou menor auto-definição de precisão do momento da ação, que se estendem por longa faixa; os mais precisos são o pretérito perfeito (*passado*) e o futuro do presente (*futuro*) do indicativo; o tempo morfológico chamado presente é não marcado — mas é atual quando empregado para designar a época *presente* —; no subjuntivo, o imperfeito é mais atual que o futuro, como se pode constatar em:

“Se eu *falasse*, você viria”

Com efeito, *falasse*, embora não seja tão atualizado como *chamarei*, é mais preciso e atual que *viria*, que está na dependência de *falasse*. *Fale* é mais atualizado que *falar* mas menos atualizado que *falo*.

Esquemáticamente, teríamos:

	anterioridade	
	posterioridade	
Atualidade	simultaneidade	da ação
	potencialidade	
Inaturalidade	dependência se-	da ação
	mântico funcional	

cujos traços, em combinatória, resultariam numa ampla faixa do eixo de oposição *atual/inatural*:

+ ATUAL		— INATUAL
futuro (Ind.)	presente (Ind.)	+ q. perf. (Ind.)
passado (Ind.)		imperfeito (Ind.)
		futuro do pretérito
	Imperf. Presente (Subj.) (Subj.)	Futuro (Subj.)

Combinadas as taxas de modo, modalidade e atualidade, nas relações que se estabelecem num enunciado complexo, entre as sintaxias de dois esquemas lógico-conceptuais, ter-se-á:

PRINCIPAL	SUBORDINADA	MODALIDADE
1. faço	o que ele ordenou	real
2. farei	o que ele ordenar	eventual
faço	o que ele ordena	futuro
fazia	o que ele ordenava	real
		potencial
		<i>presente</i>
		potencial
		passado
		potencial
		irreal
		irreal
3. farfia	o que ele ordenasse	quando ordenasse
4. faria	o que ele ordenasse
5. teria	o que ele tivesse orde-
feito	nado

O quadro acima não esgota, evidentemente, a combinatória possível; é apenas exemplificativo.

Nas completivas do tipo “disse que”, a oração principal designa a enunciação da completiva.

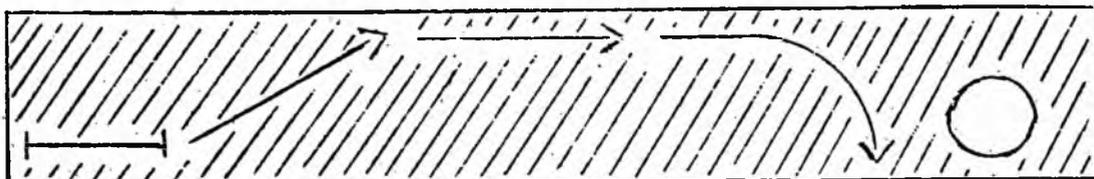
Ao tratarmos do *desenvolvimento*, iniciaremos a abordagem dos taxemas verbais objetivos, que expressam as características do acontecimento, fracamente ligados à intenção do emissor — fracamente, porque, na realidade, em nenhum enunciado se exclui a ação desta.

Desenvolvimento e realização são dois taxemas que estão fortemente relacionados e que são combináveis. Por isso, serão tratados como um só elemento. É sensível também a sua correspondência com o taxema aspecto, que indica o tipo de dinamismo ligado ao morfema lexical.

O aspecto se manifesta gramemicamente também nas três formas nominais do verbo, *-ar* e *alomorfes*, *-ando* e *alomorfes*, *-ado* e *alomorfes*, combinadas ou não com um auxiliar, como, por exemplo, em *vou despertar, estou despertando, fui despertado*, respectivamente, ação em geral, ação atualizada, resultado de outra ação.

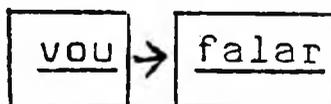
O desenvolvimento também apresenta a característica de, a partir de um momento *x*, com relação à designação, ser possível situar-se em um ponto da ação, fazendo-se a descrição do acontecimento. Há uma faixa de desenvolvimento da ação, no tempo, em que podemos situar o acontecimento como:

um antes/iniciativo/desenrolar/terminativo/um depois



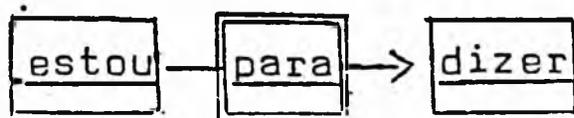
O código lingüístico prevê diferentes maneiras de expressar esses momentos de desenvolvimento da ação:

1 A forma de auxiliarização de um verbo principal no infinitivo:

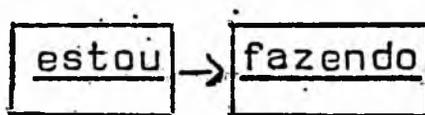


em que temos uma incidência direta do auxiliar (modificante) sobre o infinitivo (modificado);

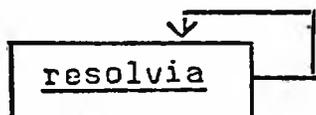
2. A auxiliarização indireta, que acusa a presença de determinados relatores (preposições) entre o auxiliar e o verbo principal:



3. A auxiliarização direta (incidência direta), com o verbo principal em outras formas nominais:



4. Verbos em forma simples também podem indicar o tipo de desenvolvimento da ação (em função do aspecto):



5. Morfemas gramaticais independentes (moduladores).

Consideremos, agora, os diferentes tipos de suportes formais do desenvolvimento, tomando por base o eixo proposto por Pottier, Pais e Audubert (5)

(5). — POTTIER, B., AUDUBERT, A., e PAIS, C.T — *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, /1972/, p. 164.

DESENVOLVIMENTO E REALIZAÇÃO

	A — <i>antes</i>	B — iniciativo	C — cumprimento	D — terminativo	E — <i>depois</i>
1.	Pretendo fazer vou comprar				
2.	estou para fazer	começo a fazer andar a...	continuo a fazer	deixei de fazer acabei de fazer	
3.		começo comprando	continuo comprando estou comprando	estive comprando foi entregado	está feito está entregue
4.	resolverei resolvero (provavelmente)	resolvo (agora)	resolvia (enquanto)	entregado resolvido	entregue resolvido
5.	<i>talvez</i> fale <i>oxalá</i> fale <i>ainda não</i> está falando	<i>já</i> está falando <i>hoje</i> fala	<i>ainda</i> fala	manifestado <i>já não</i> está falando	manifesto <i>outrora</i> falou

A. Quando é um “antes”, o desenvolvimento é um eventual, uma iminência de realização de ação, ou um potencial; das cinco formas de expressá-lo, só o quarto tipo não depende de uma combinação, pois é o único em que a própria estrutura verbal já define a época em que a ação se desenvolve.

De certa maneira, o desenvolvimento resulta antes da combinação da substância semântica do auxiliar com o verbo principal, do que dos gramemas de tempo e modo contidos no auxiliar. Observem-se, por exemplo, as lexias compostas:

começo a fazer
estou a fazer
deixo de fazer

em que os auxiliares estão todos no mesmo tempo e pessoa, e a forma infinitiva do verbo principal também aparece em todas. Entretanto, as três lexias colocam-se em momentos diferentes do desenvolvimento. O que varia de uma para outra são justamente os semas genéricos e específicos — da substância semântica lexical — dos verbos auxiliares.

Assim, essa substância semântica lexical dos auxiliares é responsável, nesses casos, pela definição da substância semântica gramatical das lexias compostas.

B. O desenvolvimento pode referir-se a um início de ação, apresentando, portanto, uma analogia com a modalidade real, e ser expresso, então, pelo presente do indicativo; passa-se de uma ação eventual ou potencial para uma ação real. Das formas que permitem expressar essa taxa, a melhor é a segunda; a quarta pode servir mas já tem um traço semântico suplementar que a distingue das outras, o eventual propriamente dito, isto é, a antevisão da realização do fato tido como provável, diferente de *pretendo fazer* ou *vou comprar*, que não prevêm com tanta certeza a consecução do fato.

C. Quando indica uma ação em processo, o desenvolvimento é um dinâmico imperfectivo e pressupõe sempre referência a uma situação anterior. Esse aspecto é demonstrado da maneira mais enfática pelas formas que servem para expressá-lo:

→ *continuo a fazer* ... →
→ *estou fazendo* →

D — E. Aparentemente, há muita semelhança entre esses dois tipos de desenvolvimento, que, na realidade, são semanticamente muito diversos.

Em *D*, temos o fim do desenvolvimento, o término, o concluir de uma ação; em *E*, não mais existe a ação e sim o que dela resultou; a referência é posterior à ação, donde o seu caráter não dinâmico.

O caráter não dinâmico de *E*, por oposição a *D*, que é dinâmico, persiste apesar do dinamismo da semântica lexical do verbo. Compare-se, por exemplo, o dinamismo de *vender* — que, quanto à semântica lexical é dinâmico, pois designa um processo — em

- a) *vendi o terreno*
- b) *o terreno foi vendido*
- c) *o terreno está vendido*

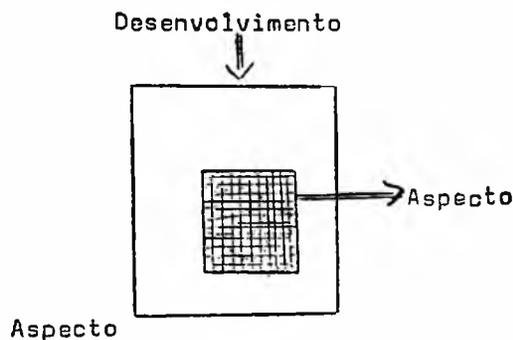
Em *a* e *b*, a ação foi dinâmica no momento em que foi realizada, mas não é mais dinâmica do ponto de vista do enunciador e do momento de enunciação, pois designa uma ação realizada em outra época e agora apenas evocada como *acontecimento*, como *processo* que terminou. Ao contrário, em *c* não se evoca nenhum processo, nem mesmo em seu término, mas apenas o *resultado* do processo, visto estáticamente, considerado definitivo e assim *descrito*.

O português conserva, como vestígio de um micro-sistema anterior, a oposição *formal* de *D* — ação que termina — e *E* — resultado da ação — no participio, com gramemas diferentes:

D	E
<i>o predio foi erigido</i>	<i>a estátua está erecta</i>
<i>cabelo tingido</i>	<i>cabelo tinto</i>
<i>manifestado</i>	<i>manifesto</i>

TAXEMA DESENVOLVIMENTO				
DINÂMICO			ESTÁTICO	
antes	perfectivo	imperfectivo	perfectivo	
	<u>farei</u>	<u>faço</u> <u>fazia</u> <u>fazendo</u>	<u>fiz</u>	<u>feito</u>
β	1	2	3	4
TAXEMA ASPECTO				

O desenvolvimento considera a ação desde a sua concepção; o aspecto, apenas na sua realização. Pode-se, pois, dizer, que o taxema desenvolvimento contém o taxema aspecto:



A *perfectividade* e o *dinamismo* são taxemas que podem aparecer no substantivo, no adjetivo e no verbo. Uma designação pode ser estática ou dinâmica. Verificamo-lo facilmente quando analisamos o aspecto e o desenvolvimento no substantivo e no adjetivo: os três primeiros aspectos apresentam um dinamismo, em oposição ao quarto aspecto, que é meramente descritivo (6, 7).

Da taxa *dinâmico*, pode depreender-se o taxema *perfectividade*, que tem as taxas perfectivo inicial, perfectivo terminal e imperfectivo.

No verbo, a perfectividade ou a imperfectividade estão ligadas ao aspecto e ao desenvolvimento, que por sua vez refletem a atualidade, o modo e a modalidade. As formas nominais do verbo (o modo venérico) distribuem-se em perfectivo inicial /-ar/, imperfectivo /-ando/ e perfectivo terminal /-ado/. Mas essa classificação depende do contexto e dos auxiliares que incidem sobre eles. Com efeito, em “Não gosto de *escrever*”, *escrever* é dinâmico imperfectivo; em “Começo a *escrever* a carta”, *escrever* é dinâmico perfectivo inicial, em função de sua combinatória com o auxiliar. Desse ângulo, os tempos e modos marcados têm uma maior independência do contexto, pois pode-se *a priori* considerar o presente de um verbo como *trabalhar*, *trabalho*, como dinâmico imperfectivo; *trabalhei*, como dinâmico, perfectivo terminal, atual; e de classificar formas como *sou*, *estava*, *fui*, como estáticas, em que o problema da perfectividade e imperfectividade não se põe.

Nada impede, entretanto, que a mesma forma do presente do indicativo, com os indicadores gramaticais vistos acima, tenha, em outro contexto, todos esses indicadores mudados:

(6). — POTTIER, B. — *Lingüística moderna y filología hispánica*, trad. de M. B. Álvarez, Madrid, Gredos, /1970/, p. 124.

(7). — POTTIER,
AUDUBERT e
PAIS — *Estruturas* ..., p. 71.

1. “No baile de ontem, *danço* com um rapaz horrível”
2. “Amanhã, *falo* com alguém que entende do assunto”
3. “Nunca *faço* o que não sei”
4. “*Parece* que você não quer ir trabalhar”
5. “Enquanto *falo*, sempre você conversa...”
6. “*Começo* amanhã em meu novo emprego. ”

Em (1), a forma verbal é gramaticamente marcada pelo presente do indicativo mas a combinatória contextual permite depreender as taxes: dinâmico, perfectivo, final, atual, real; em (2), a mesma forma tem as taxes: dinâmico, perfectivo, inicial, atual, eventual; em (3): estático, real (pela presença de *nunca*). em (4): estático, é apenas uma lexia complexa, suporte formal do apreciativo, que confere ao enunciado uma modalidade potencial; em (5), a forma de presente é dinâmica, imperfectiva, atual, real; em (6), a forma é de presente mas as taxes são de dinâmico, perfectivo inicial, eventual, atual. Tudo isso é possível, uma vez que o *presente* é não marcado quanto à época e à modalidade.

Assim, as formas do verbo não podem depender tão somente de uma classificação paradigmática; sua análise sêmio-táxica final estará sempre em função de sua combinatória, de suas relações com as lexias e sintagmas contextuais.

O taxema *relatividade* pode ser indicado no verbo através de gramemas independentes do tipo pro-circunstante, como *ainda*, *já*, *não*, *talvez* e outros, que incidem sobre o verbo, definindo-lhe dois outros taxemas, a modalidade e o desenvolvimento.

Quando ao sintagma *está falando* — que é dinâmico, imperfectivo, real, — acrescentamos os gramemas *já não* incidentes sobre o verbo, temos uma modificação no desenvolvimento da ação, que passa a ser perfectivo terminal.

São soluções que a língua apresenta para que se modifique e enriqueça o inventário lexical. Desse modo, em frases como “Ele *não* disse a verdade”, *não* seria apenas um gramema que indicaria a relatividade da ação e que poderia ser dispensado, com o emprego de outra lexia verbal como em “Ele *mentiu*, que acumula os traços semânticos lexicais e gramaticais da frase anterior; “*não* disse” (= dinâmico, perfectivo final, real, atual, quanto aos semas gramaticais); “*mentiu*” (= dinâmico, perfectivo final, real, atual, quanto aos semas gramaticais; “*não* disse a verdade” é equivalente a “*mentiu*”, quanto aos semas lexicais, uma vez que o semema de *mentiu*, mais específico, contém o de *disse* <mentir> \supset <dizer>.

Como se vê, a relatividade é expressa através de gramemas independentes ou na própria estrutura do verbo e consiste, de certa forma, numa reafirmação da modalidade e do desenvolvimento.

O taxema *época* não se confunde com o “tempo”, que é uma noção morfológica na gramática tradicional. O “tempo” presente, por exemplo, pode designar um processo realizado em uma época passada, presente na elocução ou futura em relação ao momento de enunciação. O “tempo” morfológico, tal como é visto na gramática tradicional, resulta da combinatória dos taxemas desenvolvimento, (aspecto), modo, modalidade e atualidade.

A partir de um locutor, o taxema *época* tem as taxas de presente, passado e futuro:

Taxema	época		
taxes	presente	passado	futuro
marcas	φ	+	—
sêmicas			

Os três se inserem na classe dos dinâmicos, por oposição ao estático — certas formas nominais do verbo atualizadas como adjetivos —; o presente é imperfectivo e o passado e o futuro, perfectivos, respectivamente final e inicial; o presente é genérico por oposição ao passado e ao futuro, que são específicos.

TAXEMAS

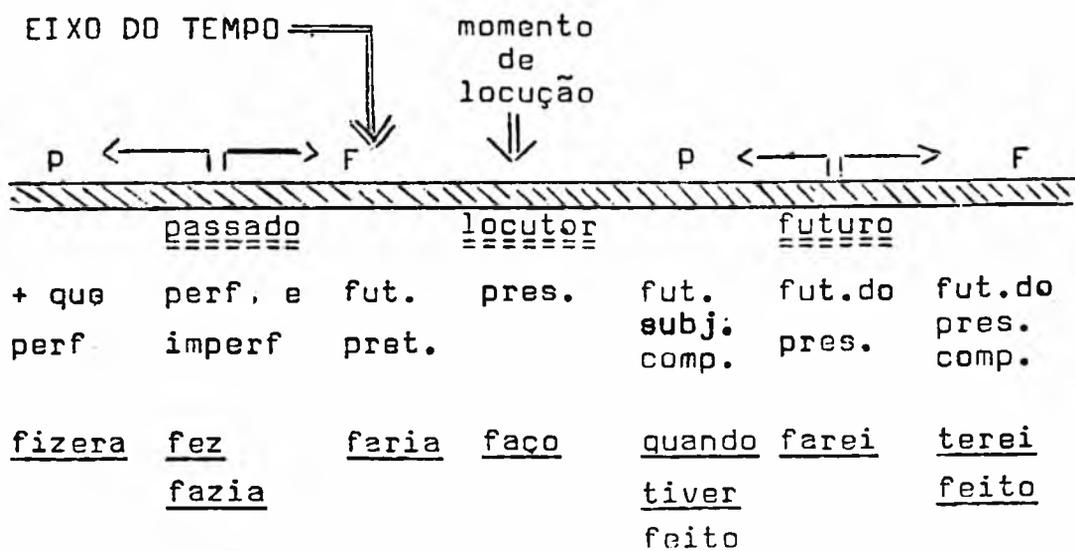
DESENVOLVIMENTO	PERFECTIVIDADE	ÉPOCA	
taxes		marca	taxes
dinamismo		esp. (—)	futuro
	perfectivo		
		esp. (+)	passado
1. dinâmico		genér. (φ)	presente
	imperfectivo		
2. não dinâmico			

O presente é genérico, pois pode aplicar-se ao passado ou ao futuro, opondo-se, nesse plano, aos dois outros, que são ou futuro ou passado, marcadamente.

O sistema verbal compreende, então, todo um complexo de taxemas e gramemas, que tornam a sua descrição muito mais difícil que a das designações nominais.

Em português, o tempo resulta da combinação do modo, da atualidade e da época, constituindo esses traços gramaticais, combinados com o lexema do verbo, a *semia* da lexia verbal.

No eixo do tempo, há um locutor que marca o momento presente; as que foram praticadas antes desse momento, já se situam no passado mas há também um futuro e um passado em relação a esse passado; o mesmo acontece com as ações que serão realizadas depois do presente (que tem como epicentro o momento de locução): há um passado e um futuro em relação ao futuro. Esquemáticamente, teríamos:



Os tempos são determinados em cada nível modal: no indicativo, o processo é visto numa forte realização e gira em torno dos três tempos fundamentais, vistos acima, que descrevem o fenômeno objetivamente; o presente, não marcado, quanto a essas oposições, pode substituir os dois outros.

Ao lado desses tempos objetivos, existem duas formas não autônomas, imperfectivas do ponto de vista semântico, pois não englobam o termo do processo; do ponto de vista funcional, só um contexto apropriado (circunstância, entonação, enunciado precedente, etc.) torna essas formas constitutivas do enunciado.

O modo indicativo tem, pois, tempos independentes — passado, presente e futuro — e tempos dependentes — imperfeito, mais que perfeito, futuro do pretérito. O imperfeito se apresenta, então, como um presente passado imperfectivo, ou relativo; e o futuro do pretérito como um futuro imperfectivo ou relativo.

No subjuntivo, as formas de presente, imperfeito e futuro funcionam como uma espécie de futuro e assinalam uma dependência semântico-funcional a um tempo e modo objetivos; o subjuntivo é o modo do não-realizado, na perspectiva do falante.

No infinitivo, o infinitivo propriamente dito representa um ponto de partida, uma possibilidade infinita de realização, quase sempre orientada para o futuro. O gerúndio mostra o processo enquanto se realiza, donde a sua afinidade com o presente e o imperfeito; o particípio passado exprime o término do processo, o que o aproxima do passado.

Uma forma verbal inclui, entre outras coisas, um conteúdo modal e um conteúdo temporal. O modo é semanticamente uma tomada de posição sobre um movimento que vai do declarado ao hipotético. Dos termos do indicativo, o mais hipotético é o futuro do pretérito; essa forma é insensível à época: *escreveria ontem, hoje, amanhã*.

No subjuntivo, a forma mais hipotética é a do imperfeito.